



EDUCAÇÃO AFETIVA: A ESCOLA QUE APROXIMA, INCLUI E MANTÉM

Ariane Lopes Moraes Cesar Reis¹

RESUMO

Atualmente, o educador não é apenas o transmissor de conhecimentos, o ditador de verdades, aquele que precisa ser autoritário para obter respeito, mas sobretudo aquele que trilha caminhos da aprendizagem na construção do saber. Dessa forma, o presente estudo tem como tema a educação afetiva, pautada na percepção de emoções e considerando cada aluno e cada professor como indivíduos únicos. Assim, este estudo objetiva principalmente discorrer, de modo bibliográfico, sobre a escola que aproxima, inclui e mantém o estudante por meio de uma prática pautada na afetividade. Portanto, espera-se com este artigo dar visibilidade as relações sociais, principalmente a interação professor x aluno, efetivadas nas unidades escolares que precisam abarcar a preocupação com a criação de laços afetivos a fim de aproximar, incluir e manter em vez de excluir.

Palavras-chave: Inclusão; Educação Afetiva; Relação Professor x Aluno.

RESUMEN

Actualmente, el educador no es sólo el transmisor del conocimiento, el dictador de las verdades, el que necesita ser autoritario para obtener respeto, sino sobre todo el que sigue caminos de aprendizaje en la construcción del conocimiento. Así, el presente estudio tiene como tema la educación afectiva, basada en la percepción de las emociones y considerando a cada alumno y a cada docente como individuos únicos. Así, este estudio pretende principalmente discutir, de forma bibliográfica, sobre la escuela que se acerca, incluye y mantiene al alumno a través de una práctica basada en la afectividad. Por lo tanto, se espera con este artículo dar visibilidad a las relaciones sociales, especialmente a la interacción profesor-alumno, efectuada en las unidades escolares que necesitan incluir la preocupación por la creación de vínculos afectivos para poder acercarse, incluir y mantener en lugar de excluir.

Palabras clave: Inclusión; Educación Afectiva; Relación profesor vs. alumno.

ABSTRACT

Currently, the educator is not only the transmitter of knowledge, the dictator of truths, the one who needs to be authoritarian to obtain respect, but above all the one who trails paths of learning in the construction of knowledge. Thus, the present study has as its theme affective education, based on the perception of emotions and considering each student and each teacher as unique individuals. Thus, this study aims primarily to discuss, in a bibliographical way, about the school that approaches, includes and maintains the student through a practice based on affectivity.

¹ Graduação: Licenciatura em Letras- UNOPAR- Universidade Norte do Paraná, Artes Visuais- FAVENI- Centro Universitário Faveni. Pedagogia- FABRAS- Faculdade Ibra de Brasília; ; Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Artes- UFRB Universidade Federal do Recôncavo Baiano Pós-graduação: Psicopedagogia Clínica e Institucional, Língua Linguística e Literatura, Ensino de Filosofia para o Ensino Médio. Especialização: Educação Especial e Inclusiva. Mestrado: Mestra em Ciências da Educação Universidade Internacional Tres Fronteiras Assuncion- UNINTER.

E-mail: ariane-7@hotmail.com



Therefore, it is expected with this article to give visibility to social relations, especially the teacher x student interaction, effected in school units that need to include the concern with the creation of affective bonds in order to approach, include and maintain instead of excluding.

Keywords: Inclusion; Affective Education; Teacher vs. Student Relationship.

INTRODUÇÃO

A afetividade em seara escolar abarca, como requisito inerente à sua essencialidade, uma práxis pedagógica com a prevalência da interação entre aluno e equipe escolar para a construção de um ambiente afetivo, pois a escola deve se preocupar, precipuamente, em gerir, tomar decisões e criar condições de processos democráticos, funcionando como um centro acolhedor, referencial, cultural e educacional dos alunos e dos demais membros da comunidade escolar. Assim, aproximar, incluir e manter o aluno na escola é condição básica para o sucesso escolar.

Importante destacar que o mundo convive com modificações diárias que impulsionam alterações nas instituições sociais, como, por exemplo, na escola. Novos paradigmas surgem, tendo em vista a inclusão escolar, mas não aquela exclusivamente pensada para incluir os que necessitam de atendimento específico, mas incluir e aproximar aqueles que se *mesclam* na massa diária de estudantes, passando despercebidos e, por vezes, invisibilizados.

Acerca disso, em 2014, o *Instituto Unibanco*² divulgou em seu sítio dados do Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, do IBGE), revelando que há 1,7 milhão de jovens de 15 a 17 anos fora da escola, o equivalente a 16% dessa faixa etária. Uma análise mais detalhada desses dados do IBGE revela que há perfis bastante distintos desses jovens de 15 a 17 anos que já não mais estudam.

Na região de Monte Santo, na Bahia, por exemplo, há um quantitativo expressivo de estudantes que, envolvidos em práticas agrícolas e no trato de animais, não percebem a escola como um agregador de conhecimento. Outro público destacado pelo Pnad, voltando para contexto brasileiro mais amplo, compõe-se de representantes de desigualdades raciais, visto que a maioria, 52% dos

² Disponível em: <https://www.institutounibanco.org.br/aprendizagem-e-evasao-em-foco/5/> Acesso em: 19 dez. 2014.



jovens fora da escola, abandonou os estudos sem sequer ter completado minimamente o Ensino Fundamental.

Assim como os negros, pardos e indígenas citados pelo IBGE, os estudantes rurais devem ser considerados um subgrupo vulnerável à evasão, pois são brasileiros que, caso não voltem a estudar, terão altíssima probabilidade de inserção automática nos trabalhos no campo, além de não terem tido seu direito à Educação Básica que é assegurado por lei e deve ser garantido pelo poder público. Nesse âmbito, incluir é mais do que só matricular, mas deve ocupar-se do aproximar e do manter em prol de um ressignificar do espaço escolar.

Desse modo, o educador, ainda, tem como função assumir um grande papel de destaque para a aprendizagem do educando, pois ele é o mediador no processo da aprendizagem e não o detentor de conhecimentos. Assim, mediante a afetividade, o professor pode influenciar positivamente o desempenho dos seus alunos, aproximando, incluindo e mantendo-os na escola.

Primal citar, inclusive, que a forma como o educador age em sala de aula, através de seus sentimentos, intenções, desejos, valores, afetam diretamente seus educandos, ou seja, a simples maneira de comunicar-se de modo mais cordial e próximo já faz diferença no manter ou não manter na escola. Sendo assim, tudo que é subjetivo, a saber, a amizade, a aproximação, o respeito, a compreensão e o amor, deve estar envolvido neste processo.

Portanto, o presente artigo tem a meta de discorrer, de modo bibliográfico, sobre a escola que aproxima, inclui e mantém o estudante por meio de uma prática pautada na afetividade, tendo em vista que é de fundamental relevância ser um profissional que tenha conhecimentos específico em sua disciplina, mas compreender que ensinar é uma missão interligado ao amor, buscando meios que facilitem o processo de saberes para os educandos.

A ESCOLA E A CONSTRUÇÃO DE RELAÇÃO DE COOPERAÇÃO

A favor da edificação de pontes indispensáveis e ao mesmo tempo invisíveis em prol das relações de cooperação escola e aluno, Fante (2005) chama a atenção para os fatores externos e internos que podem influenciar a violência escolar. Entre os fatores externos, a autora cita o contexto social, responsável



pela exclusão daqueles que não têm acesso a benefícios sociais; os meios de comunicação, que promovem a banalização das relações interpessoais e a família – primeiro local em que as crianças aprendem a relacionar-se com outras pessoas, estendendo o comportamento aprendido para outros locais, como a escola.

Como fatores internos, Fante (2005) cita o clima escolar, em que, tradicionalmente, tem-se desrespeitado as diferenças individuais no estabelecimento de um clima de igualdade para facilitar o manejo da aplicação dos conteúdos disciplinares. Como consequência, é observada a estigmatização daqueles que não apresentam o resultado esperado, fazendo com que o aluno se sinta cada vez mais distante dos objetivos de melhoria de vida por meio da educação recebida nas escolas.

Além disso, há as relações interpessoais, que formam a base do desenvolvimento emocional, podendo ser positivo – quando há reciprocidade nos relacionamentos afetivos – e negativo – quando ocorre a exclusão; a discriminação, que origina conflitos, estresse e inaptações; a relação professor - aluno que se caracteriza por uma luta constante de disputa de poderes e medição de forças, resultando em alunos e professores estressados.

Segundo Fante (2005), o bullying é um fenômeno antigo, que ocorre em vários países. Os estudos em torno desse fenômeno iniciaram-se na década de 1970 na Suécia, mas só começaram a ganhar notoriedade na Noruega em 1982, três crianças com idade entre 10 e 14 anos se suicidaram e o principal motivo da tragédia teia sido as situações de maus tratos a que foram submetidos por seus colegas de escola.

Em 1983, um ano após a tragédia o Ministério da Educação da Noruega promoveu uma campanha em escala nacional oferecendo apoio a esses estudos devido à constatação de suicídios que envolviam adolescentes vitimizados dentro das escolas. No Brasil, houve um grande atraso para identificar e enfrentar tal problema que só começou a ser abordado a partir de 2000, quando Cléo Fante e José Augusto Pedra realizaram uma pesquisa séria e abrangente sobre tal problemática. O trabalho pioneiro resultou em um programa de combate ao bullying denominado *Educar para a Paz*.

A Noruega realizou uma pesquisa sobre o tema com 130.000 estudantes, verificando nesse estado a participação dos alunos nos casos de bullying. Com



a elaboração dessa pesquisa, foi constatado que 15% dos entrevistados já estavam envolvidos no caso.

Após a pesquisa, a sociedade começou a se preocupar muito mais com o comportamento agressivo desses adolescentes, dando origem a uma campanha nacional *antibullying*. Após esta ação contra o bullying, foi reduzida 50% dos casos na instituição escolar. Outros países como o Reino Unido, Espanha, Itália, Canada, Portugal, Alemanha, Grécia e Grã-Bretanha perceberam os resultados positivos e, também, promoveram campanha contra o bullying, segundo Fante (2005).

De acordo com Chalita (2008), nos Estados Unidos, o bullying é visto é visto como um fenômeno global. Segundo dados coletados pelo Centro Médico Infantil Nacional BearFacts, afirmam que 5.700.000 meninas e meninos, envolvidos em casos de *bullying*, sendo 13% praticantes do *bullying* e 11% diz ter sofrido situações de *bullying* no ambiente escolar.

No Brasil, o interesse pelos estudos do *bullying* é mais recente tendo início nos anos de 2002 e 2003. Segundo os dados coletados pela ABRIPIA, o primeiro estudo foi realizado pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à infância e juventude, esta pesquisa envolveu cerca de 5.875 estudantes sendo eles alunos do 5º a 8º ano, constatando que aproximadamente 2.217 desses alunos de escolas do Rio de Janeiro admitiram ter envolvimento em atos de *bullying*.

QUANDO A ESCOLA EXCLUÍ

Existem algumas variáveis negativas que podem colaborar para o afastamento dos estudantes dos espaços escolares, fazendo com que a escola deixe de lado sua função de aproximar, incluir e manter. Muitas das vezes, existem agressores, por meio do *bullying*, que podem exercer liderança em seu grupo de pares.

Essas crianças ou adolescentes, após conquistarem a dominação social do grupo por meio do *bullying*, costumam reduzir condutas agressivas e podem utilizar habilidades sociais para fazer amigos como forma de tornar-se superior. Tal cenário pode ser um impeditivo para o aproximar, manter e incluir de alunos nas instituições escolares.



Já a vítima é usualmente percebida como mais frágil que sempre está isolado que por sua vez demonstra inferioridade para os demais e dificilmente consegue reverter esta condição. O *bullying* é, portanto, um fenômeno pelo qual o indivíduo é sistematicamente exposto a um conjunto de atos agressivos, diretos ou indiretos, verbal ou explícito que acontecem sem motivação aparente, mas de forma intencional, protagonizada por agressores.

De acordo com Calhau (2010) os envolvidos no processo de *bullying* são habitualmente classificados em quatro grupos: agressores, vítimas, espectadores passivos e vítimas agressoras. Agressores que são aqueles que vitimizam, intimidam os mais fracos, de ambos os sexos, um indivíduo que manifesta pouca empatia, frequentemente é membro de uma família desestruturada (CALHAU, 2010, p. 9).

Para Calhau (2010), o autor do *bullying* é tipicamente popular, tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais, tem uma personalidade agressiva inclusive com os adultos, esse agressor vê sua agressividade como uma qualidade.

Segundo Calhau (2010), as vítimas típicas do *bullying* são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização, são tímidas ou reservadas, isoladas, inibidas e se sentem muitas vezes inferiores aos seus colegas.

Para Fante (2005), as vítimas muitas vezes sofrem caladas, geralmente, são inseguras e sentem receio de contar a um adulto a verdadeira razão pela qual se esconde, com medo de que algo pior possa acontecer, carregando a uma insegurança para o resto da vida. Essas situações de constrangimento, acarretam consequências na fase adulta, prejudicando problemas de interação com outras pessoas.

Segundo Calhau (2010), os alunos denominados expectadores do *bullying* são aqueles que não estão envolvidos diretamente nas agressões, mas que presenciam as ações do *bullying* na sala de aula onde normalmente ficam calados com medo de serem as próximas vítimas. Uma vítima de *bullying* pode antecipar riscos que sofre antes mesmo de ir à escola ou a locais específicos desta. Ao contrário do que muitos pensam os agressores e as testemunhas também podem sofrer as consequências tanto no âmbito emocional quanto na aprendizagem.



No ambiente escolar o desinteresse pelos estudos, déficit de concentração e aprendizagem, queda de rendimento e evasão são algumas das consequências acarretadas por esse fenômeno. As vítimas desse fenômeno ainda podem vir a sofrer de depressão, insegurança, medo, ansiedade, anorexia, bulimia, estresse, problemas escolares ou síndrome do pânico.

Para Calhau (2010), podemos dividir os expectadores do *bullying* em três grupos distintos, os passivos são aqueles que têm uma postura retraída por medo de se tornar a próxima vítima; os ativos são os membros do grupo do agressor, estando inclusos no grupo do agressor, apesar de não participarem ativamente do ataque contra a vítima. Porém, manifesta dando apoio moral para o agressor, deixando-o se sentir no poder; os neutros são os alunos que por vivenciarem na sua comunidade atitudes de violência, não ficam comovidos com as situações de *bullying* que ocorrem em seu meio social.

Portanto, muitas vezes, esses conflitos levam a vítima ao suicídio, vítimas que são escolhidas e sofrem os maus tratos e a exclusão do grupo de pares, espectadores passivos que compõem a maior parte e que, ao mesmo tempo, são de certa forma, vítimas e testemunhas mudas aos acontecimentos, e vítimas-agressoras, que são aqueles que foram vitimizadas pelo *bullying* e passaram a ser atacantes, ou que oscilam entre estes dois papéis sociais de forma ativa e fiel (FANTE, 2005).

A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO EDUCADORA

A verdade é, que sem o conhecimento necessário ao assunto os educadores não podem contribuir com a sua diminuição e, quando não há intervenções efetivas contra o *bullying*, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado.

Fante (2005) afirma que a maioria das escolas não estão preparadas para discutir a questão sobre o *bullying*, pois muitas vezes esses profissionais da educação não tem o preparo adequado para solucionar esses problemas. Por esse motivo, acabam prejudicando ainda mais a esses casos. Pois muitas vezes os próprios profissionais reproduzem o preconceito dentro da instituição escolar, fazendo piadinhas, imitações e brincadeiras desagradáveis constrangendo os alunos perante os colegas de classe.



Segundo Calhau (2010), o ensino no Brasil atualmente está passando por uma fase muito difícil. Os alunos atuais não estão respeitando os limites dentro da escola, pois alguns pais no início da infância dos filhos não trabalharam com eles o respeito ao próximo, tendo uma visão que a educação é responsabilidade do professor e da instituição de ensino.

Nenhuma escola pode ignorar tal ocorrência. cabe a responsabilidade coibir atitudes agressivas, protegendo tanto os agressores quanto os agredidos. É verídico que ambos, agressor e agredidos apresentem problemas psicológicos que, caso não tratados, podem aumentar desastrosamente. A gravidade que esse padrão de comportamento está distante de ser inocente e as escolas ainda infelizmente não admitem a ocorrência do bullying entre estudantes ou não tem conhecimento sobre o assunto, ou se negam a enfrentá-lo, levando o alunado muitas vezes a não falarem sobre o que está acontecendo consigo e a achar que eles são culpados por sofrerem tais agressões.

Diante disso, é preocupante o número de casos que mostram alunos praticando o bullying de forma verbal ou envolvidos em agressões entre colegas, sem falar nas diversas situações de discussões com professores, casos estes, que observados em sua essência, demonstram carência afetiva, demonstrando que o conceito que o aluno tem de si é negativo.

Desse modo, pode-se dizer que o bullying é uma das cruéis de violência. Sendo assim por estar presente principalmente nos anos escolares que coincidem com a puberdade, o abalo a autoestima, à construção e a afirmação da identidade deste indivíduo poder ser irreversível e permanente.

O dia a dia das escolas revela que muitos agressores no *bullying* apresentam uma visão distorcida de seus atos, minimizando às consequências que sofrem os vitimizados. É preciso realmente prover um ambiente seguro e de respeito para todos na escola, sendo que cada aluno deve ser respeitado na sua singularidade, em termos de sentimentos, pensamentos e atitudes.

A escola não é a solução para todas as dificuldades existentes do ser humano, porém, como órgão educacional que tem como uma de suas funções a formação do cidadão como sujeito construtor do seu contexto histórico, pode e deve contribuir para mudanças significativas na relação professor e aluno, pois, além da sala de aula que oferece conteúdos e provas, a afetividade está presente em cada ação e busca seu espaço.



Continuamente em nossas vidas, nossa sociedade parece ver os conflitos sempre de forma negativa e/ou destrutiva. Diante de um conflito vivido, por exemplo, entre dois irmãos ou irmãs, a conduta do pai ou da mãe normalmente contempla a ideia de que extingui-lo é a melhor forma de resolvê-lo. Nesse sentido, é comum argumentarem que o melhor é que façam "as pazes" e voltem a ser amigos(as), como eram antes do início da situação conflitiva. Em suma, o conflito é visto como algo desnecessário, que viola as normas sociais e que, portanto, deve ser evitado.

Porém quando um conflito acontece na escola mais precisamente em sala de aula com alunos do ensino médio a proporção é totalmente diferente. Pois, não existe um professor responsável por aquela sala, na verdade existem vários professores que ministram suas aulas em um pequeno espaço de tempo, onde tem que aproveitar o tempo para pode explicar seu conteúdo e caso haja algum conflito esse fica sem resolução ou até mesmo sem importância, resultando assim o que mais vimos frequentemente no nosso contexto escolar, alunos que praticando o bullying sem consequências dos seus atos.

A pouca conscientização da realidade desse fenômeno e o despreparo dos profissionais da escola campo para lidarem com essa violência é gritante. Eles acreditam, sobretudo os professores que não podem fazer nada em relação a tal problemática, já que esse tipo de violência é para eles uma mera realidade do contexto social no qual seus alunos estão inseridos.

Para Calhau (2010), os educadores não conseguem detectar os problemas, e muitas vezes, também demonstram desgaste emocional originado do seu dia a dia sobrecarregados de trabalhos e conflitos em seu ambiente de trabalho. Em razão disso, muitas vezes, alguns educadores contribuem com o agravamento do problema, através da rotulação com apelidos pejorativos ou reagindo.

Johnson e Johnson (1995) afirmam que o que determina que os conflitos sejam destrutivos ou construtivos não é sua existência, mas sim a forma como são tratados. Para esses autores, as escolas que desprezam os conflitos os tratam de forma destrutiva e aquelas que os valorizam os tratam de forma construtiva. Assim, os conflitos tratados construtivamente podem trazer resultados positivos, melhorando o desempenho, o raciocínio e a resolução de problemas.

Sendo assim, indubitavelmente que uma escola de qualidade deve transformar os conflitos do cotidiano em instrumentos valiosos na construção de um



espaço autônomo de reflexão e ação, que permita aos educandos enfrentarem, autonomamente, a ampla e variada gama de conflitos pessoais e sociais, e para que isso se torne uma realidade se faz necessário investir na reorganização curricular da escola, para que seja um lugar onde, de forma transversal, se trabalhem os conflitos vividos no cotidiano.

A busca de resolução do conflito, pode ocorrer em duas dimensões distintas: uma afetiva e outra racional, sendo praticamente impossível separar uma da outra. Lidar com as emoções, os sentimentos podem provocar tanto sofrimento que muitas vezes é preciso recorrer a ajuda externa (psicólogos, terapeutas, conselheiros etc.) de modo que haja um redirecionamento destas forças para resolução do conflito. A resolução dos conflitos na esfera racional pode ocorrer de um modo menos traumático. A manipulação de ações concretas para redirecionamento destas forças permite ao indivíduo transferir ao objeto o motivo da sua frustração e angústia. O mesmo não acontece para a resolução dos conflitos na esfera afetiva. A culpa não pode ser transferida ao objeto.

O que vai dar qualificação a esta impossibilidade de concretização do vínculo afetivo é a relação concreta de trabalho. E esta relação certamente se diferencia de um contexto para outro, de uma escola para outra, de uma clientela para outra. Ora, não podemos nos esquecer que os alunos com os quais o professor vai desenvolver seu trabalho são alunos de carne e osso, sangue, coração, sentimentos, dificuldades e problemas. Neste sentido, a demanda afetiva também varia. O tipo de relação estabelecida com um determinado aluno ou grupo de alunos, numa situação específica, pode dar oportunidade para que o profissional - que também é um ser humano concreto, dotado também de uma realidade própria - dê vazão ou reprima a sua energia afetiva, diminuindo ou aumentando a tensão e, conseqüentemente, o conflito.

Lembremos que estamos falando de educadores das escolas públicas brasileiras. Professores e funcionários de escolas de um país de dimensões continentais, com uma diversidade de hábitos, costumes, dificuldades e necessidades tão grande, que não pode ser desconsiderada. Não há como desconsiderar que há mesmo professores trabalhando com alunos de baixíssima renda; alunos que muitas vezes não têm outra coisa para comer que não a merenda ali servida. Alunos carentes não só de necessidades básicas de subsistência, mas também de carinho, de atenção. A demanda afetiva exigida por estes alunos é bastante



intensa, e pode colocar o indivíduo numa posição delicada, onde a tensão entre estabelecer ou não o vínculo assuma grandes proporções e desencadeie um conflito extremamente doloroso.

Para Fante (2005), é necessário que a instituição escolar conheça as consequências do fenômeno *bullying* e proporcionando aos profissionais da instituição, uma familiaridade com o problema que atualmente tem afetado todas as escolas. Esses estudos podem ser realizados, por meio de capacitações e estratégias preventivas, buscando repassar o problema do *bullying* para a comunidade escolar.

Para Chalita (2008), mais do que palestras e debates, é de extrema importância construir coletivamente uma ação que fortaleça as virtudes e a amizades dos integrantes envolvidos no processo educacional.

Sendo assim, o ambiente escolar precisa desenvolver estratégias para exercer sua função adequadamente, pois é através da educação que os seres humanos se transformam e se aperfeiçoam.

A escola está, a todo o momento, buscando mudanças para que possa melhorar a qualidade do ensino e, o professor em sua formação continuada tem contato com novas metodologias que sugerem o respeito pela produção do aluno, valorizando o que consegue fazer e incentivando o que pode vir a fazer. Nesta perspectiva é notório que afetividade, moral e educação estão intrinsecamente ligados à aprendizagem. A afetividade influencia de maneira significativa a forma pela qual os seres humanos resolvem os conflitos de natureza moral, abrangendo um campo de significações complexas como conceitos, preconceitos, estereótipos, discriminações, identidades, diferenças, cultura entre outros. Daí, pensar-se serem esses os fatores que implicam na construção dos sujeitos nesse campo.

Ao destacar a capacidade moral autônoma de resolver os conflitos do cotidiano, busca-se pensar em uma escola que trabalhe o estado emocional de todos os profissionais de forma positiva, baseada na confiança, respeito, satisfação interna, para assim desempenhar de maneira eficiente seu papel. Acreditamos poder avançar as discussões que apontam para a articulação das relações intrínsecas entre cognição e afetividade, no campo da educação, se incorporarmos no cotidiano de nossas escolas o estudo sistematizado dos afetos e sentimentos, encarados como objetos de conhecimento. Defendemos a ideia de



que tais conteúdos relacionados à vida pessoal e à vida privada das pessoas podem ser introduzidos no trabalho educativo, perpassando os conteúdos de matemática, de língua, de ciências, entre outros. Assim, o princípio proposto é de que tais conteúdos sejam trabalhados na forma de projetos que incorporem de maneira transversal e interdisciplinar os conteúdos tradicionais da escola e aqueles relacionados à dimensão afetiva.

Assim, é a partir de situações de cooperação e reciprocidade que podemos refletir sobre a indisciplina, a violência, o *bullying* e o *cyber bullying* com os nossos educandos, favorecendo a eles uma maior compreensão da realidade escolar e sobre as decorrências de sua atuação diante de situações conflituosas:

[...] faz-se também necessário que os alunos tenham experiências vividas efetivamente com os valores morais, propiciando uma atmosfera socio moral cooperativa no contexto educativo. [...] Deseja-se que os alunos ajam moralmente, mas não se abrem espaços pra que haja reflexão sobre as ações, sobre os princípios e as normas, sobre os valores e sentimentos que nos movem [...] para fazer com que os valores morais tornem-se centrais na personalidade, para a vivência democrática e cooperativa e para resolver problemas que requerem, o desenvolvimento das dimensões cognitivas e afetivas, assim como de habilidades interpessoais, é preciso oferecer nas instituições educativas oportunidades requentes para a realização de propostas de atividades sistematizadas que trabalhem os procedimentos da educação moral (TOGNETTA; VINHA, 2007, p. 11242-11246).

Para justificar tais princípios nos pautamos em ideias como as de Moreno (2000), especialmente quando afirma que: "os suicídios, os crimes e agressões não têm como causa a ignorância das matérias curriculares, mas estão frequentemente associados a uma incapacidade de resolver os problemas interpessoais e sociais de uma maneira inteligente." A autora nos leva a refletir sobre o fato de que os conteúdos curriculares tradicionais servem - mesmo que não somente -, para "passar de ano", ingressar na universidade, mas parecem não nos auxiliar a enfrentar os males de nossa sociedade ou os conflitos de natureza ética que vivenciamos no cotidiano.

Um bom caminho para a promoção de tal proposta é lançar mão do emprego de técnicas de resolução de conflitos no cotidiano das escolas, principalmente se os conflitos em questão apresentarem características éticas que solicitem aos sujeitos considerar ao mesmo tempo os aspectos cognitivos e afetivos que caracterizam os raciocínios humanos.



Mesmo reconhecendo a importância dos fatores emocionais e afetivos na aprendizagem, o objetivo da ação escolar não é resolver dificuldades nesta área e sim, propiciar a aquisição e reformulação dos conhecimentos elaborados por uma dada sociedade. Ainda que atenta aos aspectos emocionais, não é função da escola promover ajustamento afetivo, saúde mental ou mesmo a felicidade. Na verdade, cabe à escola esforçar-se por propiciar um ambiente estável e seguro, onde os alunos sintam-se bem, pois nestas condições as atividades aplicadas são facilitadas.

Reconhecer a diferença no outro, jovens, implica nos reconhecermos nos nossos limites, nas nossas faltas, na nossa incompletude permanente e, ao mesmo tempo, requer a construção de um novo modo de organização institucional capaz de acolher e elaborar o inesperado. Para isso, é preciso aprender as múltiplas linguagens através das quais os jovens se expressam, é preciso aprender a escutar, registrar e representar as vozes, os movimentos dos educandos, é preciso instaurar tempos e espaços para diversidade de diálogos verbais, gestuais e afetivos nos processos de educação e cuidados com o alunado.

Jovens que estabelecem vínculos harmoniosos nos seus momentos de frustração, por meio dos quais recebem amor e compreensão, desenvolverão uma identidade sadia, conseguindo suportar as frustrações e aceitá-las ou aguardar até o momento adequado para realizar seus desejos. Contudo, cabe a nós educadores aprofundar esta questão, pouco ou nada discutida na realidade educacional. Citamos Tognetta e Vinha (2007) para refletir a respeito da importância do amor à vida humana:

Para mim, aprender a abrir o coração e ter intimidade com outra pessoa continua a ser uma experiência curadora de grande força. É claro que este é somente um caminho para a cura e para a intimidade. Estou aprendendo que o segredo da sobrevivência é o amor. Quando amamos alguém e nos sentimos amados, de certo modo nosso sofrimento diminui, nossas feridas mais profundas começam a cicatrizar, nosso coração começa a se sentir suficientemente seguro para ser vulnerável e para se abrir um pouco mais. Começamos a experimentar nossas emoções e a sentir a emoção das pessoas a nossa volta (TOGNETTA; VINHA, 2007, p. 1197).

Pela evidência que o afeto exerce no desenvolvimento das pessoas, concluímos que, no momento em que os alunos têm a possibilidade de vivenciá-lo em suas interações escolares, poderão ter relações interpessoais mais



consistentes e verdadeiras, cedendo lugar à partilha e ao respeito, atribuindo à educação o verdadeiro sentido a que ela se destina.

O bullying pode ser muito confundido com indisciplina, malcriação e desvio de valores, porém, o que difere esses comportamentos são fenômenos estudado é a postura das crianças, adolescentes e adultos, apresentando baixa autoestima.

Para refletir sobre a relação entre a afetividade e a escola, é preciso primeiro apontar que, antes de fazerem parte do espaço escolar, professores, alunos e demais participantes deste contexto já têm construído uma história de formação pessoal, desenvolvida e movida por valores que significam modos distintos de ser e interagir com o mundo.

Outro aspecto a refletir é que a escola, por ser um espaço educativo, constrói diferentes saberes e estes devem estar voltados à formação integral do homem, contribuindo para o desenvolvimento dos aspectos: cognitivos, sociais e afetivos, que, como vimos anteriormente, é constituído no decorrer do desenvolvimento e, portanto, está em constante estado de transformação. Assim, conceber uma educação voltada ao desenvolvimento dessas capacidades é de fundamental importância na medida em que o espaço educacional não é neutro em suas ações, produzirão algo neste desenvolvimento (TOGNETTA; VINHA, 2007).

Não existe um único método para o combate deste tipo de violência, existem apenas ações preventivas como a conscientização deste problema, de grande enfoque educacional, através da mídia e meios de comunicação, dos projetos governamentais e da própria escola em suas atividades pedagógicas. Como um dos aspectos principais de combate a este mal está à integração entre família e escola. Tendo em vista que o ambiente familiar influencia em primeiro ato na construção da identidade, na autoestima e no processo de aprendizagem da criança.

Reconhecer o indivíduo como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente, e perceber a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento, implica outro olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva. O processo ensino-aprendizagem é um recurso fundamental do professor e o papel da afetividade importante para garantir a eficácia de suas



aulas. A escola pode ser compreendida como um importante espaço para o desenvolvimento psicossocial, embora, muitas vezes, é também palco de muitos conflitos (TOGNETTA; VINHA, 2007).

Não existem soluções simples para se combater o bullying pois se trata de um problema complexo e de causas múltiplas. Um primeiro passo que é de suma importância, no entanto é conscientizar professores, pais, alunos e demais funcionários a respeito deste tipo de agressão. O envolvimento de todos tem como objetivo estabelecer regras, diretrizes e ações coerentes. É importante ainda que possa despertar nos alunos valores humanos para que eles aprendam a ter respeito pelo próximo, tornando o ambiente escolar mais harmoniosos entre todos que fazem parte dele. As escolas precisam, sobretudo capacitar seus profissionais para uma futura identificação e intervenção desse fenômeno, além de conduzir a uma, discussão ampla e que mobilize escola, alunos e família, com propósito de criar estratégias preventivas e imediatas para enfrentar tal situação. Sensibilizar todos os envolvidos na redução do comportamento bullying é imprescindível, já que o fenômeno é complexo e de difícil identificação, principalmente por manifestar-se de maneira sutil, implícita, e com a imposição do silêncio.

Percebe-se, então, a importância ao combate desse mal que afeta, hoje em dia, de forma notório a educação, na vida de crianças e adultos. “E que prejudicam de forma sutil e silêncio dá o psicológico das crianças, adolescentes e de todos os envolvidos, trazendo consigo uma consequência de perda, de identidade, da moral, da estima e do ato fundamental a sobrevivência, que é o aprender”.

Situações de violência, com frequência, decorrem do fato de não haver reciprocidade no respeito entre o educando e o educador. Quando há o respeito mútuo, se o educando desrespeitar o professor/educador, surge, então, o sentimento de vergonha. No entanto, La Taille (1996) alerta se o educando é humilhado, ele se revolta contra aqueles que o ofendem.

Portanto, tenhamos cuidado em condenar a indisciplina sem ter examinado a razão de ser das normas impostas e dos comportamentos esperados. [...] Cada aluno quer ser admirado pessoalmente, mas não concebe que alguém possa condenar seus comportamentos sociais. [...] a finalidade principal da escola é a preparação para o exercício da cidadania. E, para ser cidadão, são



necessários sólidos conhecimentos, memória, respeito pelo espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais, e diálogo franco entre olhares éticos. Não há democracia se houver completo desprezo pela opinião pública.

Em nossa convivência com os educandos, podemos perceber o seu desenvolvimento moral pela observação de suas ações para com os participantes da escola, como também as nossas ações com relação a eles. Silva (2009) argumenta que a indisciplina e a violência nas escolas podem ser “[...] produto do fato de os alunos não terem como valor central em suas personalidades o respeito ao outro” (SILVA, 2009, p. 150).

Nos atos ou comportamentos que entram na lista dos indisciplinados é comum encontrarmos empurrões, chutes, tapas, grandes brigas, ofensas verbais acompanhadas de atos físicos, depredações e outros. Ocorrências desse tipo estão cada vez mais frequentes no cotidiano das escolas brasileiras, sejam elas públicas ou privadas. Claro está que a violência que atinge hoje a escola não se restringe aos comportamentos citados acima. Podemos acompanhar por meio da mídia casos de chacinas, estupros, assassinato de alunos e professores, bombas e outros atos que atentam contra a vida humana.

Esse é, sem dúvida, um assunto muito sério que necessita de uma análise pormenorizada e de um olhar atencioso. Para o propósito desse trabalho, no entanto, abordaremos a “pequena violência”, ou a violência que aparece diluída nos atos considerados de indisciplina.

Segundo Candau (1999) “a marca constitutiva da violência seria a tendência à destruição do outro, ao desrespeito, e à negação do outro, podendo a ação situar-se no plano físico, psicológico ou ético” (p. 20). Dessa maneira, a violência vai além das consequências físicas e pode estar presente, por exemplo, numa sanção aplicada pelo professor ao aluno ou num gesto onde o simbólico se traduz como violência.

Sempre que pensamos em indisciplina pensamos no desrespeito à determinada regra. No caso da violência, a regra desrespeitada é a que garante a integridade física e psíquica do outro.

A violência rompe com os limites da privacidade, invade a liberdade do outro, infiltra-se pelos meandros da intimidade alheia, fere, destrói barreiras de proteção pessoais, negando a existência do outro. Quando uma criança ou um



adulto fere física ou psicologicamente outra pessoa, está violando a regra básica da convivência humana: o respeito pelo outro. Dessa maneira, não está sendo apenas indisciplinado, mas também violento, pois além de desrespeitar a regra em si, atinge diretamente o objeto ao qual aquela regra, a princípio, pretendia defender.

Daí a tênue diferença entre indisciplinada e violência. A indisciplinada está no desrespeito às regras que garantem o bom convívio pessoal, por exemplo. A violência dá um passo além: desrespeita e atinge diretamente um alvo, depositando nele sua fúria física e/ou psíquica com o objetivo de destruí-lo.

O profissional precisa estar atento para essas situações em que o jovem é constrangido e humilhado. No entanto é preciso levar em conta que cada escola possui sua realidade e a partir dela é que devem desenvolver estratégias e ações cotidianas e contínuas que tenham como principal objetivo evitar que esse tipo de violência aconteça e, conseqüentemente minimizar o seu impacto. É importante que cada escola desenvolva sua própria estratégia. Sabe-se que mudanças não ocorrerão num curto espaço de tempo, mas podemos colaborar para a formação de uma nova mentalidade.

O primeiro passo já foi dado, que é admitir a existência desse mal no âmbito escolar. Acredita-se que com projetos e políticas participativas entre família, escola e sociedade esse mal possa ser amenizado e/ou banido do meio escolar, para que essa violência velada, responsável por doenças psicológicas em jovens seja combatida, permitindo uma educação, digna sem medos e traumas e uma aprendizagem qualitativa

Tão difícil quanto erradicar a violência no mundo, é eliminar o bullying. Isso só pode ocorrer através da participação de todos, por meio de campanhas que permitam o envolvimento dos próprios alunos e diálogos que forneçam a estas informações necessárias para a prevenção desse mal, que assola não só o físico, mas a alma do indivíduo, causando danos irreparáveis e conseqüências a quem pratica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do educador é considerado como o *melhor*, porque é ele quem controla o processo produtivo, possui liberdade de criação e de ação, além de



ordenar tipos e sequência de atividades. Na mesma medida, é um também delimitado, porque necessita de um investimento afetivo na relação professor-aluno, principalmente por parte do educador. Nesse âmbito, a afetividade não deve ser esquecida, pois ela é um elemento essencial nesse processo, visto que funciona como elo de aproximação entre educando e educador.

Salienta-se, ainda, a importância que se deve dar para competência afetiva a fim de alcançar um futuro esperançoso para humanidade, destacando a necessidade de harmonia entre mente e coração e o processo de aproximação com vistas à inclusão. Entretanto, muitos professores se deparam com inúmeros problemas demonstrados em sala de aula, tais como número alto de alunos muito desproporcional ao que se verifica em lei e falta de apoio institucional.

Assim, este estudo trouxe algumas reflexões sobre esse espaço tão plural e multifacetado que é a escola, destacando que se deve sempre primar pelo estreitamento de laços entre professores e alunos para se garantir que o processo de ensino-aprendizagem seja plenamente aproximador, inclusivo e mantenedor do estudante em seu contexto de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALHAU, Lélío Braga, **Bullying o que você precisa saber, identificação, prevenção e repressão**, Niterói, RJ: Impetus, 2010.

CANDAU, Vera Maria: Reinventar a escola. Petrópolis: Vozes, 2000 **carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: 3ª Edição. Ed. Vozes. Brasília: confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

CHALITA, Gabriel. **Educação. A solução está no afeto**. São Paulo, 12ª edição. Ed. Gente, Brasília, 1998.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

JOHNSON, David W. & JOHNSON, Roger T. **Como reducir la violencia en las escuelas**. Barcelona: Paidós, 1999.

MORENO, M. et al. **Falemos de Sentimentos: a afetividade como um tema transversal na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.



TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T.P. **Quando a escola é democrática**: um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola. Campinas: Editora Mercado de Letras. 2007.